

Editorial

A *Philosophos* (UFG) tem o imenso prazer, congratulada pela honra, de lançar o presente volume relativo à Edição Temática: “Fenomenologia”, fruto dos trabalhos apresentados, em outubro de 2020, no Encontro do GT Fenomenologia (ANPOF). Trata-se de mais um projeto editorial de longo alcance ambientado no reportado evento que reunira pesquisadores nacionais e internacionais, membros natos do Grupo. O que se avivou, na ocasião, é um fórum permanente de debate tendo como centro gravitacional a ideia de natureza no interior do movimento fenomenológico, especialmente, de cariz franco-germânico.

Compõem, pois, esta edição especial, o trabalho de **Nathalie Barbosa de la Cadena**, em “The idea of the life-world”, que acena para o Mundo-vida como uma noção presente em diversos textos e contextos fenomenológicos husserlianos. Como bem reporta a autora, alguns intérpretes consideram-no um conceito tardio e inconsistente, no âmbito da *Krisis*. Ora, a autora advoga a tese segundo a qual o mundo da vida já emerge desde os primeiros escritos do mestre como *Ideas II*, conceito haurido sob o termo mundo circundante (*Umwelt*), depois mundo da experiência (*Erfahrungswelt*) para, então, figurar como mundo da vida (*Lebenswelt*). Apesar, contudo, da nomenclatura diferente, a essência do mundo da vida permanece a mesma em toda a sua obra. O mundo da vida é *a priori*, transcendente e co-dado. La Cadena, então, põe em análise cada uma dessas nuances, concluindo em prol de um monismo conceitual que permeia todo o itinerário husserliano. Já em “Dois discursos sobre a natureza: dos contrassensos naturalistas à ‘geologia fenomenológica’ de Husserl”, **Carlos Diógenes Côrtes Tourinho** discute dois discursos acerca da Natureza. O primeiro aborda a doutrina do Naturalismo, consoante a qual pensar a Natureza implica em visá-la como um todo unitário e indivisível do qual fazem parte a matéria orgânica e a inorgânica. Já o segundo discurso, conforme o intérprete acima, nos remete para uma

“geologia fenomenológica”, na qual Husserl pensa a Terra não simplesmente como um planeta a girar em torno do Sol, em sentido copernicano, mas como uma “Terra-solo” na qual os corpos se distribuem em um sistema aberto de possibilidades. Se o discurso naturalista se “fecha” em torno da naturalização da consciência, a geologia husserliana nos fala da “abertura” desse solo originário a todos os seres. No artigo “Matematização da natureza, mundo da vida e crise da razão em Husserl”, **Scheila Cristiane Thomé** traz à baila justo o aspecto subjetivo-relativo como o constituinte essencial da estrutura do mundo da vida (*Lebenswelt*) em *Krisis*. Para tanto, será diagnosticado, num primeiro momento, como se configura tal crise e como, husserlianamente falando, se opera o processo de matematização da natureza e sua consequente orientação científica objetivista. Por fim, a autora se propõe a descrever a estrutura última subjetiva-relativa do mundo da vida compreendido como o solo da experiência imediatamente intuitiva. **Maria Aparecida Viggiani Bicudo**, em “A matematização da física e demais ciências da natureza”, se subsidia, desde o contexto da *Krisis*, a abordagem da obra de Euclides. Maria, então, visa a apresentar como essa especificidade imprime um método de trabalho singular que se torna invariante na lógica da ciência do mundo ocidental, mediante a intermediação de Galileu. Assim, adentrando as incursões husserlianas, tudo supõe que Euclides, enraizado na cultura grega, toma o conhecimento natural do mundo que lhe é dado de modo *a priori* e pré-científico, indo além, ao adotar um procedimento próprio invariante na lógica da ciência do mundo ocidental até Galileu. Em “O brilhar da natureza é uma *parusia* superior: natureza e superação da metafísica”, **Daniel Rodrigues Ramos**, circunscrito no Heidegger tardio, reabre um debate em torno da superação da determinação metafísica da realidade natural enquanto presença constante. Para tanto, o intérprete toma, como guia da reflexão, um verso das poesias tardias de Hölderlin, cujo aclaramento conduz ao questionamento do sentido da noção de presença (*ousia*) e da sua referência com a ausência (*apousia*). Ramos finaliza descortinando a

relação essencial entre ser e aparência advogando, pois, que a sublime aparição da natureza é a luta e unidade entre *parusia* e *apousia*. Já **Marcos Aurélio Fernandes**, no texto “A natureza como ser e verdade do ser na meditação de Heidegger a respeito da *phýsis* grega”, expõe a interpretação heideggeriana acerca da concepção grega de natureza. Para tanto, Fernandes adota como procedimento seguir o fio condutor dessa leitura dada, sobretudo, a partir da remissão da *phýsis* à *alétheia*. Cumpre, pois, interpretar o dito e o pensado dos filósofos originários gregos, bem como de Platão e Aristóteles, desde o não pensado e o não dito da *Lichtung* como clareira ou abertura do Ser. Em “A natureza como ‘espírito nascente’: Gabriel Marcel e a gênese do mundo”, **Claudinei Aparecido de Freitas da Silva** traz para o primeiro plano o horizonte de uma fenomenologia da natureza, à luz das reflexões seminais marcelianas. Trata-se de explicitar como Marcel haure essa perspectiva a partir da proposição emblemática enunciada de uma “natureza como espírito nascente”. Para tanto, a fim de melhor compreender o sentido e o alcance dessa tese, a exposição se divide em duas partes correlatas: a primeira, retrospectivamente negativa, reconstitui a crítica marceliana ao naturalismo e ao idealismo vistos como dois gestos concêntricos à medida que não atribuem qualquer estatuto ou significação à natureza. A segunda, mais positiva ou propositiva, restitui, numa direção heurística, a experiência matricial da natureza como espírito nascente, ou seja, confere pleno reconhecimento a uma acepção originariamente espiritual da natureza como fenômeno co-nascente. **Danilo Saretta Verissimo**, em “A dinâmica de instituição de dimensões de experiência perceptiva em Merleau-Ponty”, elabora, a partir da produção merleau-pontyana, uma interlocução que, baseada na expressividade do esquema corporal e em seu poder de constituir hábitos sensório-motores, põe em questão a potência de transformação da percepção. O texto se debruça na caracterização de um *ethos* dos sentidos fundado na transformação dos esquemas perceptivos, sem perder de vista uma análise mais detida quanto às dimensões práticas e

intencionais atreladas ao esquema corporal. Já em seu artigo “O querer realiza uma separação: vontade e valor da vida segundo Levinas”, **Marcelo Fabri** retoma um diálogo, desde a fenomenologia levinasiana, sobre o princípio de que o querer é um verdadeiro acontecimento. O querer concretiza (cumpre) uma separação, um existir fora da Totalidade. Sob esse prisma, a sua condição básica é a vida afirmando-se como valor, e não como perseverança na tarefa de ser (característica mais notável do ser instintivo). Fabri, enfim, mostra que Levinas realiza uma interpretação ética da redução fenomenológica: a “suspensão de teses”, o que, aos olhos de Husserl, é um ato metodológico necessário e fundacional da fenomenologia, enquanto que, em Levinas, tal redução assume um sentido eminentemente ético. A vontade é o acontecimento do humano como evasão em relação ao ser e à Totalidade. Por fim, em “O visível e o invisível: vida e morte na fenomenologia de Michel Henry”, **Reinaldo Furlan** discorre sobre a relevância da obra henryana acerca do sentido fenomenológico da vida. Trata-se de uma reflexão que porá em questão a própria história da filosofia e a fenomenologia, e que implicará a história mesma da sociedade ocidental moderna e contemporânea. Para tanto, Furlan divide a exposição em cinco seções intercaladas: a questão da prerrogativa do sentido grego referente ao conceito de fenômeno e verdade na história da filosofia; o conceito de “carne” para a definição da vida; a ilusão transcendental da vida por meio do ego; a abstração da vida ou desvitalização do mundo decorrente desta ilusão; e, em suma, o preciso diagnóstico de decadência da vida na sociedade ocidental moderna, fruto, aliás, desse processo.

Em nome do GT, agradeço à acolhida, por parte da Revista, de mais esse projeto editorial ora encampado e, em especial, à Martina Korelc (UFG), também pesquisadora integrante do GT, pela zelosa mediação.

A todos os leitores, aqui, afetos a esse debate temático, um proveitoso experimento fenomenológico

Claudinei Aparecido de Freitas da Silva
Coordenador Geral do GT Fenomenologia (ANPOF)